

O reverso da medalha

Resumo

Proposta de releitura de O labirinto da solidão (1950), de Octavio Paz, no contexto do novo milênio. Sobressaem três tópicos. No estudo da figura do “pachuco”, o pionerismo na análise da diáspora latino-americana. A relação entre o intelectual e o Estado, com ênfase no trágico episódio de Tlatelolco. A inclusão da mulher na compreensão das interpretações mexicanas e latino-americanas da nossa história.

Palavras-chaves: *O labirinto da solidão*; “Pachuco”; O intelectual e o Estado (mexicano); A matança de Tlatelolco; “La Chingada”.

Abstract

El laberinto de la soledad (1950), by Octavio Paz, read from the perspective of the new millennium. Highlight. 1. The Mexican-American (known as “el pachuco”) as an important figure in the analysis of Latin-American Diaspora. 2. The relationship between the intellectual and the national state in the context of Tlatelolco’s tragedy. 3. The inclusion of woman (La Chingada) as a social actor in the interpretation of Mexican and Latin-American Histories.

Key words: *El laberinto de la soledad*; “El pachuco”; The intellectual and the (Mexican) State; Tlatelolco’s tragedy (1968); “La Chingada”.

* Escritor, crítico literário e professor aposentado do Departamento de Letras da Universidade Federal Fluminense.

Poeta, ensaísta, ex-embaixador e Prêmio Nobel de Literatura em 1990, o mexicano Octavio Paz (1914-1998) é considerado um intelectual conservador pelos que defendem a atividade crítica com conteúdo progressista. O ensaísta fez por onde. Foi um dos defensores das ideias neoliberais no país ao norte, haja vista o polêmico *O ogro filantrópico* (1979). Neste, apresenta argumentos demolidores da ingerência do monstruoso e indulgente Estado mexicano na economia nacional. Destaque para a análise que fez da indústria petrolífera naquele país, indústria hoje também – segundo os investigadores federais e as manchetes dos jornais - meio combatida pelos trópicos brasileiros.

A têmpera do conservadorismo de Paz se afirma pela crítica aos regimes totalitários, sem distinção de proveniência. Paz denuncia sem compaixão os horrores cometidos por eles, seja quando hasteiam as bandeiras da direita tal como na sua expressão nazifascista, seja quando se alardeiam pelas bandeiras ideológicas da esquerda, de que são exemplos, nos seus escritos, a União Soviética e seus satélites na Europa do Leste, ou a Cuba de Fidel Castro, e, evidentemente, a própria nação tal como governada por partido único, o PRI (Partido Revolucionário Institucional).

Sua denúncia dos estados totalitários muitas vezes se traveste de violentas críticas aos vários e diferentes líderes carismáticos que povoaram em quantidade expressiva a história moderna dos chamados países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. No capítulo “Nossos dias”, de *O labirinto da solidão*, ele escreve: “Os homens e as formas políticas em que a insurreição nas nações ‘atrasadas’ se encarnou é muito variada. Num extremo, Mahatma Gandhi; no outro, Stalin; mais além, Mao Tse-Tung. Há mártires como Francisco Madero e Emiliano Zapata, bufões como Perón, intelectuais como Nehru. A galeria é muito variada: Lázaro Cárdenas, Tito ou Nasser são completamente diferentes”.

Várias e complexas questões ideológicas estão entrelaçadas no raciocínio político de Octavio Paz. Há a crítica dos sistemas totalitários modernos, simultânea à vitória pelos exércitos liberais aliados sobre os nazifascistas durante a Segunda Grande Guerra. Há as campanhas que pipocaram no longo período de guerra-fria, campanhas a favor da democracia ocidental liderada pelos Estados Unidos da América, que tinham como *bête noire* o regime soviético e regimes semelhantes. Há, finalmente, de volta à casa paterna, uma incipiente desconfiança nos desmandos autoritários do PRI. A democracia ocidental viu-se obrigada a se misturar com os regimes totalitários e muitas vezes populistas que a desconfiança política de Paz rejeita. Leia-se o final do parágrafo que se iniciou pela citação do parágrafo anterior: “A democracia entendida à ocidental se mistura a formas inéditas ou bárbaras, que vão desde a ‘democracia

dirigida’ dos indonésios até o idolátrico ‘culto à personalidade’ soviético, sem esquecer a respeitosa veneração dos mexicanos à figura do Presidente”.

No entanto, atitudes corajosas tomadas em vida e ousadias libertárias na interpretação da história mexicana – de que é exemplo *O labirinto da solidão* de 1950, agora em nova tradução ao português publicada em 2014 pela Cosac Naify, acrescida de importante posfácio – mostram um pensador mais afinado com os ideais progressistas em curso no novo milênio que os vários intelectuais que se proclamaram próceres da grande revolução no século 20.

Em primeiro lugar, levantaremos dados históricos relativos à sua atuação em 1968, ano em que o embaixador Octavio Paz entrega seu pedido de demissão ao Presidente.¹ Ele se indigna com a matança de 325 cidadãos mexicanos pelos paramilitares do Batalhão Olímpia. A contagem dos mortos (325) foi feita pelo jornal inglês *The Guardian*. A imprensa do país estava então archoada. Relembremos. No dia 2 de outubro, o presidente Díaz Ordaz dá ordens ao Batalhão Olímpia, grupo paramilitar subordinado ao Ministro da Defesa (então Luís Echeverría, que será seu sucessor na Presidência da República), para atirar nas centenas de estudantes, operários e mães de família que se reuniam na Praça das Três Culturas (Tlatelolco). O acontecimento passará para a história como o “Massacre de Tlatelolco”. Nos jornais censurados, a violência da repressão militar encontrou justificativa no controle da população a dez dias da abertura dos Jogos Olímpicos daquele ano.²

Falaremos em seguida da atualidade de dois tópicos expostos em *O labirinto da solidão*, ensaio publicado originalmente em 1950. O primeiro deles. Em lugar de delegar ao *senhor de engenho* o papel de herói civilizacional nas Américas, opção tomada por nossos intérpretes desde *Cultura e opulência do Brasil* (1711),³ Paz caracteriza o mexicano pelo extremo oposto na hierarquia social – o pachuco. Assim apelidado, ele é o trabalhador braçal que transpõe

1 O poema “México: Olimpíada de 1968” é escrito no dia anterior à entrega do pedido de demissão. Dele extraio estes versos: “La verguenza es ira / Vuelta contra uno mismo: / Si / Una nación entera se avergüenza / Es león que se agazapa / para saltar. / (Los empleados / municipales lavan la sangre / en la Plaza de los Sacrificios.)”. Leia-se ainda o atualíssimo “Canción mexicana”, que encerra esta apresentação.

2 Em 1964, ensinava na Universidade do Novo México, nos Estados Unidos. Estando em viagem de férias pelo México naquele ano, por coincidência pude assistir ao comício de campanha do candidato Díaz Ordaz na cidade de Chihuahua, ao norte da república. Tal experiência foi trabalhada ao final do conto “Bom-dia, simpatia”, que se encontra em Histórias mal contadas.

3 Lúcida comentadora de *Cultura e opulência do Brasil* (1711), Alice P. Canabrava observa “Em tão alta conta [Antonil] tem a qualificação de senhor de engenho, que a iguala a um título de nobiliarquia dos fidalgos do Reino. Na América Portuguesa esta nova fidalguia se acomodava aos padrões de base econômica marcadamente mercantil”.

a fronteira para ir ocupar, inicialmente como imigrante ilegal nos Estados Unidos da América, o lugar vacante do afro-americano na indústria agrícola que ainda requer “pickers” (apanhadores). Quinze anos depois da publicação de *O labirinto da solidão* surgirá o ativista dos direitos civis Cesar Chávez, líder do movimento dos *braceros*. Sessenta e quatro anos mais tarde, os hispano-americanos chegam a 18% da população do país.

Terceiro e último tópico. Ainda no ensaio de 1950, Paz ousou emprestar gênero (*gender*) às interpretações clássicas da América Latina. Ao contrário dos intérpretes anteriores, ele não nos compreende mais a partir da visão de um só ator social – o Homem latino-americano. Paz divide em duas partes semiautônomas o autoritário e abstrato narrador masculino das interpretações. Pela diferença na construção do México desde a Conquista e no papel desempenhado na performance sexual, identifica a uma parte como macho e à outra como fêmea, e os responsabiliza.

Esclareçamos cada um dos três tópicos elencados.

É conhecida e muito citada a crônica “A rotina e a quimera”, de Carlos Drummond de Andrade, hoje no volume *Passeios na ilha*. Nela, o poeta mineiro traz à baila os nomes de dezenas e dezenas de importantes escritores brasileiros que, antes e depois de Machado de Assis, foram amanuenses. Escreve ele: “O emprego do Estado concede com que viver, de ordinário sem folga, e essa é a condição ideal para bom número de espíritos: certa mediania que elimina os cuidados imediatos, porém não abre perspectiva de ócio absoluto. O indivíduo tem apenas a calma necessária para refletir na mediocridade de uma vida que não conhece a fome nem o fausto [...]”. O cronista/poeta – no passado escritor-funcionário ou funcionário-escritor – conclui que a organização burocrática “situa o escritor, protege-o, melancoliza-o e inspira-o”. E arremata o raciocínio insólito com uma visão apocalíptica da imaginação literária que dá às costas à repartição pública: “Retire-se tal rotina ao tempo-ramento literário e cessará sua veia criadora”.

Remunerado pelo Estado, o servidor é o artista sonhador em casa. Eis como se descodificam as metáforas “rotina” e “quimera”, prato-feito que alimenta tanto o funcionário público quanto o escritor modernista durante o Estado Novo. Revigorado pelo erário, o romancista ou o poeta escreve e publica obras de qualidade, embora pouco lucrativas. As várias contradições embutidas no prato-feito deleitarão diabolicamente os discípulos brasileiros do sociólogo francês Pierre Bourdieu, entre eles o paulista Sérgio Miceli, autor de *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, publicado em 1979. Leia-se em particular o terceiro capítulo, “Os intelectuais e o Estado”, cuja longa epígrafe reproduz o texto da crônica já citada de Drummond. No prefácio ao ensaio de Miceli, Antonio Candido observa agudamente o estatuto

ambíguo do modernista que, segundo Sérgio Miceli, cooptou: ⁴ “O intelectual parece servir sem servir, fugir mas ficando, obedecer negando, ser fiel traindo. Um panorama deveras complicado”.

O sociólogo paulista quis provar que o intelectual modernista, enquanto funcionário público, privilegiado competidor no mercado de postos da República Nova, participou de um projeto de nação veiculado pelos vitoriosos da Revolução de 30 e acabou por ser peça indispensável na modernização social e cultural pregada pelo Estado interventor.

Miceli afirma que a tese drummondiana sobre a rotina e a quimera é argumento para a cautela política do funcionário/escritor e, caso demitido, para a alegria cidadã ao retornar ao posto. Octavio Paz desmente duplamente a tradição brasileira, endossada com brilho pela produção poética de Drummond.⁵ Abandona a carreira diplomática por livre e espontânea vontade. Por indignação contra a militarização do Estado mexicano, a que serve como diplomata. Isso por um lado.

Pelo outro lado, abra-se a bibliografia do Nobel e constate-se que, a partir de 1968, tendo sido retirada a rotina ao temperamento literário de Octavio Paz, sua veia criadora não arrefeceu. Pelo contrário. Desde que se demite do cargo de Embaixador do México na Índia, a obra crítica e poética se substantiva.⁶ Destaque na fornida bibliografia de Paz para *Os filhos do barro* (1974), ensaio literário imperdível.

A leitura feita pelo próprio Paz do massacre de Tlatelolco, hoje no posfácio à nova edição brasileira de *O labirinto da solidão*, serve de referência para a nossa leitura. Testemunha do massacre e vítima foi Oriana Fallaci, jornalista italiana. Seu relato se encontra no livro *Nada y así sea (Niente e così sai, 1970)*. Às vésperas das Olimpíadas – acentua Paz – os estudantes saíam às ruas para

4 V.: “Os intelectuais foram cooptados seja como funcionários em tempo parcial, seja para a prestação de serviços de consultoria e congêneres, seja para o desempenho de cargos de confiança junto ao estado-maior do estamento, seja para assumirem a direção de órgãos governamentais, seja para preencherem os lugares que se abriam por força das novas carreiras que a extensão da ingerência estatal passou a exigir, seja enfim acoplando inúmeras dessas posições e auferindo rendas dobradas” (Miceli, cap. III).

5 Em sua coluna no *Jornal do Brasil*, datada de 23 de fevereiro de 1980, Drummond reagiu irônica e violentamente ao ensaio de Miceli e à resenha do livro feita pela Veja. Em dado momento explicita sua condição: “Quanto a mim, simples auxiliar de confiança de Gustavo Capanema, de quem sou amigo desde os bancos escolares, exerci mera função burocrática, destituída de qualquer implicação política ou ideológica, sem vinculação direta ou indireta com Getúlio Vargas”.

6 Para um apanhado das múltiplas atividades de Paz logo após o pedido de demissão, pode-se ler o quinto capítulo (“La nueva estación violenta: 1971-1990”) do ensaio de Alberto Ruy Sánchez, *Una introducción a Octavio Paz* (México: Fondo de Cultura, 2013).

manifestar contra as celebrações montadas pelo Estado. Luxuosas, elas lhes “pareciam gastos espetaculares com os quais se queria ocultar a realidade de um país abalado e apavorado pela violência governamental”. Ao contrário dos estudantes franceses de maio de 1968, continua Paz, “os mexicanos não propunham uma mudança violenta e revolucionária da sociedade”. Não eram, insiste ele, porta-vozes desta ou daquela classe, mas da consciência geral. Sem se proporem expressamente, eles eram “os porta-vozes do povo”. E conclui em tom conciliatório: “A atitude dos estudantes dava ao governo a possibilidade de reorientar sua política, sem dar o braço a torcer”. No entanto, o Batalhão Olímpia (cujo nome deve ter sido derivado dos jogos desportivos que se anunciavam) ocupa o terraço do edifício Chihuahua, de onde se avista em belo panorama a Praça de Tlatelolco, e de lá se encarrega da matança.

Assinale-se – e já nos encaminhamos para o segundo tópico – que o destaque concedido em *O labirinto da solidão* (v. primeiro capítulo do ensaio) ao pachuco dramatiza o desespero dos bandos de camponeses mexicanos que – pelas circunstâncias socioeconômicas decorrentes do elitismo da colonização espanhola – são obrigados a deixar o país para ganhar a vida.

Depois de ter atravessado o Rio Grande, às vezes a nado e de maneira ilegal, o pachuco, já na outra e próspera margem, será reconhecido pelo racismo como *bracero*, *campesino* ou *wetback* (costas molhadas) dependendo do grau de hostilidade ambiente ou legal. Por esse viés inusitado, Octavio Paz se define como o primeiro intelectual latino-americano a pensar a grave questão da nossa recente e escandalosa diáspora.

A eleição do *pachuco* por Octavio Paz pode remontar aos ensinamentos políticos do pai, um zapatista confesso. Informa Luís Mario Schneider: “Filiado ao agrarianismo de Emiliano Zapata desde os primeiros momentos da Revolução, [o pai de Octavio Paz] logo passou a ser agente e destacado propagandista do caudilho do Sul”. Também pode remontar à viagem que o poeta fez em 1937 à miserável região da península de Yucatán. O jovem estava tomado e envolvido pelas ideias revolucionárias que o tinham levado a lutar na Espanha.

Corajosamente, Paz trouxe um toque de classe às avessas para o palco da representação ensaística da América Latina. Ao invocar em 1950 o pachuco e a ele identificar o mexicano de quatro costados, o escritor se filia nacionalmente ao romance da revolução mexicana, de que é exemplo *Los de abajo* (1915), de Mariano Azuela. Torna-se também precursor mundial da teoria pós-colonial que, a partir dos anos 1980, coloca em primeiro plano o drama cada dia mais sofrido dos oprimidos em diáspora. Que o digam os

africanos que conseguem por os pés na ilha italiana de Lampedusa. Os pós-colonialistas – a partir dos escritos pioneiros de Rigoberta Menchu – elegem a figura do subalterno como o personagem nobre da latinoamericanidade e o *testimonio* como a forma literária que convinha à representação do seu drama.

Já nos anos 1950, ao abrir a análise da questão identitária do mexicano pela figura do *pachuco*, Paz quis entregar aos latino-americanos o fio de Ariana que poderia liberá-los duma nova ferocidade colonizadora, a do Minotauro ianque.

Perceba-se – e entramos no terceiro ponto de destaque – outra originalidade em *O labirinto da solidão*. O ensaísta Paz não apropria um discurso sociológico para introduzir a questão da identidade da mulher na história mexicana. Como doublé de etnógrafo é que Paz a trabalha. Na sua fala cotidiana as classes menos privilegiadas e mais preconceituosas definem a identidade da mulher em diferença à do homem. Sua identidade está no modo como o povo se relaciona com a Malinche, a índia ancestral (v. quarto capítulo do ensaio). Ao se entregar ao conquistador Hernán Cortés, a Malinche entregalhe também o mapa dos caminhos e a localização das cidades. O mexicano fodido é chamado de filho da Malinche. É “hijo de la chingada”. Revela Paz: no México, “a *Chingada* é a atroz encarnação da condição feminina”.

Ao ser exposto, o preconceito histórico serve a Paz para desconstruir tanto o modo de valorização do homem quanto o modo de desclassificação da mulher. O patriarca macho embota o amor e coloca a mulher como ser humano aberto e abjeto, a ser usado e abandonado, assim como La Malinche o foi por Hernán Cortés. Por oposição, a *Chingada* serve para valorizar o ser humano fechado. Na fala mexicana, os adjetivos *fechado* e *aberto* distinguem o homem e a mulher. *Aberto*, rebaixa a fêmea à condição de *Chingada* e, *fechado*, destaca o homem, elevando-o à condição de macho fodedor. Na história social mexicana e certamente da América Latina, o *aberto* traz originariamente a marca social negativa e o *fechado*, positiva.

No código da hombridade mexicana, que a poesia de Paz já vinha desconstruindo, “os homens que ‘se abrem’ são covardes”. Para os mexicanos, ao contrário do que acontece com outros povos, abrir-se significa fraqueza ou traição. Tal é o caso não só da mulher, como também do homossexual passivo (o ativo não é tido como homossexual pelo código).

Poeta surrealista, Paz oferece a vacina contra as palavras misóginas e homofóbicas do código de hombridade mexicano. Seus poemas transmitem a mensagem que abre a cela do cárcere patriarcal. Libertam a mulher e a encorajam a viver além da *rachadura*. Encorajam-na e a convidam a assumir ao

lado dele, com ele, o “*amour fou*”, de que falam André Breton, os surrealistas e nosso Murilo Mendes. “Amor, dia virá em que o homem saberá reconhecer-te como seu único senhor e prestar-te honras até mesmo nas misteriosas perversões em que o envolve”.

Imersa na poesia lírica de Octavio Paz, a mulher se libera da imagem inferior, degradada, em que o hegemônico discurso preconceituoso a aprisionava desde os tempos da Conquista.

Final

Canción mexicana

Octavio Paz

*Mi abuelo, al tomar el café,
Me hablaba de Juárez y de Porfirio,
Los zuavos y los plateados.
Y el mantel olía a pólvora.*

*Mi padre, al tomar la copa,
Me hablaba de Zapata y de Villa,
Soto y Gama y los Flores Magón.
Y el mantel olía a pólvora.*

*Yo me quedo callado:
¿De quién podría hablar?*